

## REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO DA CIDADE NA EPOPÉIA DE GILGAMESH: A URUK DAS GRANDES MURALHAS

*representations of the urban space in the Epic of Gilgamesh: Uruk of the great walls*

Dominique Vieira Coelho dos Santos<sup>1</sup>

Ana Letícia Contador<sup>2</sup>

Aniele Almeida Crescencio<sup>3</sup>

### Resumo

Desde a problemática que gira em torno de seu próprio conceito até sua existência física, a cidade é uma construção simbólica constituída a partir da interação entre elementos de origem natural e humana. Assim, ela só pode ser compreendida se historicizada. O objetivo deste artigo é identificar a imagem da cidade de Uruk elaborada a partir de um conjunto de representações que aparecem na Epopéia de Gilgamesh, uma das primeiras obras literárias da humanidade, compilada por volta do século VII a. C. O referencial teórico que nos auxiliará nesta tarefa está relacionado aos conceitos de identidade, discurso, cultura e representação.

**Palavras-chave:** Representação. Cidade. Uruk. Epopéia de Gilgamesh.

### Abstract

From the problematic related to its concept to its physical existence, the city is a symbolic construction constituted by the interaction between elements of natural and human source. Thus, it can only be understood if historicized. This paper aim is to identify the image of the city of Uruk developed from a set of representations that appear in the Epic of Gilgamesh, one of the first literary works of humanity, compiled around the seventh Century B.C. The theoretical reference to be used in this article is related to the concepts of identity, discourse, culture and representation.

**Key words:** Representation. City. Uruk. Epic of Gilgamesh.

Para o pesquisador de temáticas relacionadas com a Mesopotâmia Antiga, *Uruk* é um termo familiar, pois aparece em praticamente toda historiografia específica da área. Etimologicamente, *Uruk* é o vocábulo acadiano que indica a cidade suméria de *Urug*. O termo contém a própria palavra suméria para “cidade”, *Ur*. Os empréstimos lingüísticos, semânticos e os processos de tradução que envolvem o termo não se limitam a estes pontos, possuem relação ainda com o nome moderno da República do Iraque, que possivelmente também deriva da mesma palavra. *Uruk* está relacionada com diversas formas explicativas que aparecem nas narrativas sobre Mesopotâmia, tanto as mais antigas quanto as mais recentes.

<sup>1</sup> Professor de História Antiga da Universidade de Blumenau. Coordenador do Laboratório Blumenauense de História Antiga e Medieval – LABEAM ([www.furb.br/labeam](http://www.furb.br/labeam)).

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de História da Universidade de Blumenau.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de História da Universidade de Blumenau.

Nas argumentações sobre o que o arqueólogo e filólogo australiano Vere Gordon Childe (1892-1957) chamou de “Urban Revolution”, por exemplo, *Uruk* é peça fundamental. Mario Liverani afirma que mesmo após as teses de Childe terem sofrido inúmeras revisões, *Uruk* continua parte central dos discursos sobre o tema, todavia, agora sob formas que enfatizam mudanças que vão além da questão da cidade (Liverani, 2006). É possível verificar esta ampliação a partir de obras mais recentes, tais como: *The Uruk Fenomenon* (Collins, 2000), *The Uruk World system* (Alaze, 2005). Estas narrativas contemplam um espaço geográfico maior, enfatizando toda a região de Uruk e considerando suas interferências sócio-culturais nas proximidades, ao invés de se concentrarem apenas na cidade. Além destas questões, *Uruk* também dá nome ao arco cronológico que se estende do ano 4.000 ao 3.000 antes da era Comum da história da Mesopotâmia. Ou seja, não se trata apenas do nome de uma cidade, mas do termo utilizado para classificar todo um período histórico.

Desde que foi encontrada e escavada pelo arqueólogo William Loftus e sua equipe entre 1850 e 1854, a cidade de Uruk tem sido objeto de inúmeras discussões. Por questões de delimitação, não adentraremos este debate aqui. Para os objetivos deste artigo, importa observar que por meio dos sítios arqueológicos da região e dos artefatos neles encontrados, sabemos que ela está relacionada com o aparecimento da escrita, intensificação das atividades comerciais, desenvolvimento da arte, da arquitetura e com o fenômeno urbano, quando as vilas do período *Ubaid* começam a dar lugar a ocupações cada vez mais volumosas no sul da Mesopotâmia (ver figura 1), formando as primeiras cidades.

No caso especial de *Uruk*, este processo atingiu marcos nunca antes alcançados e a cidade se tornou uma das mais significativas da Mesopotâmia, tanto pela sua importância política, cultural e econômica, quanto por sua extensão geográfica, sendo uma das maiores da Antiguidade. Marc Van De Mierop mostra que não se contentando com estes limites territoriais, Uruk expandiu sua cultura por uma enorme área geográfica. Foram encontrados vários selos cilíndricos e uma produção massiva de cerâmica que indicam que Uruk estabeleceu vínculos com a cidade de Susa, Habuba Kabira, Jebel Aruda e até mesmo com centros urbanos egípcios na região do delta (De Mierop, 1997).

A cidade de Uruk situava-se a leste do Eufrates em uma região pantanosa, 225 quilômetros da atual cidade de Bagdá. Era rodeada por uma muralha de nove quilômetros de extensão. Suas dimensões ultrapassavam os 200 hectares, estima-se que sua população alcançou números que variam entre 20 e 80 mil habitantes, dependendo dos critérios utilizados, e tinha dois grandes templos, um na parte ocidental, dedicado a Anu, localizado em

um terraço de 11 metros de altura, onde este se situava, elevando-se 6 metros mais, e outro na parte oriental, dedicado a *Inanna*, também chamada de *Ishtar*, a deusa protetora de *Uruk*, situado em um complexo de construções em uma área de 300 por 200 m<sup>2</sup> (Nissen e Heine: 2009; Liverani: 2006).



Figura 1. Cidades do sul da Mesopotâmia, com nosso destaque para Uruk. (SNELL, Daniel. *A companion to the Ancient Near East*. United Kingdom: Blackwell, 2005, p. XVI).

Segundo Kátia Maria Paim Pozzer, o templo é a única característica arquitetônica que pode ser imediatamente localizada nestas cidades do Sul da Mesopotâmia. A autora aceita a interpretação de que esta separação geográfica entre os templos, como é o caso de Uruk que mencionamos acima, pode ter reflexo religioso, caracterizando também uma separação física entre sagrado e profano. O *Zigurate* deveria ficar em um lugar alto, facilitando a descida dos deuses à terra. Ela explica ainda que havia uma estreita ligação entre a cidade e sua divindade principal (Pozzer, 2003). A cidade era a morada dos deuses e eles habitavam o interior do santuário, assim sendo, a destruição do complexo religioso poderia fazer com que os mesmos se afastassem definitivamente, explicação que encontra ressonância também na obra de ZAINAB BAHRANI, *Rituals of War- The Body and Violence in Mesopotamia* (2008).

Podemos perceber o significado que a cidade e o conjunto arquitetônico religioso que a integrava tinha na vida mesopotâmica. De Mieroop (1997) afirma, por exemplo, que a cidade era o pivô institucional no qual se baseava toda a civilização. Desta maneira, nenhum aspecto da vida na Mesopotâmia pode ser compreendido fora de seu contexto urbano. Sem dúvida, nossa atenção prioriza a cidade, todavia, mais que uma reflexão acerca dos dados geográficos e arqueológicos de Uruk, nos interessa principalmente a forma como ela é imaginada e representada na epopéia de Gilgamesh. Uma vez compreendido isto, passemos então ao estudo do documento.

### **Contextualização e epítome da Epopéia de Gilgamesh**

A Epopéia de Gilgamesh é um texto literário oriundo da Mesopotâmia, talvez o mais antigo da literatura mundial. Os relatos desta narrativa foram transmitidos de forma oral durante muito tempo, foi somente no século VII antes da era Comum que ganharam um registro escrito. A versão mais completa da obra foi encontrada em Nínive na biblioteca do rei assírio Assurbanipal (690-627 a.C.), mas há textos contando a mesma história, oriundos de localidades diferentes, como Ur, Bagdá, Boghazköy e outras cidades da região, e escritos em outros idiomas, caso do hitita e hurrita. A Epopéia de Gilgamesh é, ao lado do Código de Hamurabi, a obra mais conhecida do sistema de escrita cuneiforme.

O documento conta os feitos heróicos de Gilgamesh, um governante sumério relacionado à cidade de Uruk e seu companheiro Enkidu, que foi criado pelos deuses para igualar-se a Gilgamesh em termos de força, uma vez que este também estava vinculado a uma divindade, uma vez que era 1/3 deus e 2/3 homem. Os dois passam por inúmeros perigos até que Enkidu, amaldiçoado pela deusa Ishtar, fica doente e morre. Inconsolável, Gilgamesh passa a temer a morte e parte à procura de Utnapishtim, que é o único humano ao qual foi concedida uma vida imortal pelos deuses, depois de enfrentar com sucesso as provações do dilúvio. De acordo com o poema épico, apesar dos esforços de Gilgamesh, ele não conseguiu obter a vida eterna. Em compensação, alguns de seus objetivos foram cumpridos, governar de forma inigualável, ser querido e servir de exemplo na cidade de Uruk e garantir que seu nome e seus feitos fossem perpetuados na história.

A Epopéia de Gilgamesh foi encontrada durante escavações realizadas por arqueólogos como Austen Henry Layard e Hormuzd Rassam, entre 1849 e 1853. Esta descoberta causou um grande impacto na época, pois, além de abordar temas relacionados com a criação do mundo, a cidade de Uruk, o cotidiano e as crenças da sociedade suméria, o

documento também menciona um relato acerca do dilúvio semelhante ao Livro de Gênesis, porém escrito muito antes do texto bíblico. Isto provocou um furor não só entre os arqueólogos, mas em vários seguimentos da sociedade. Muito se discutiu sobre a veracidade do texto bíblico a partir das comparações entre os dois relatos e isto aumentou o interesse na obra e em novas possíveis descobertas, o que facilitou o financiamento de mais expedições e acabou por se tornar um momento significativo na história da Arqueologia.

A primeira tradução moderna do documento foi feita por Henry C. Rawlinson, com o auxílio de George Smith, que, em 1872, em um encontro da Sociedade de Arqueologia Bíblica, anunciou a importância da tábua e sua relação com o dilúvio. N.K. Sandars (1960, 1969, 1972) também apresentou sua tradução da Epopéia de Gilgamesh, que depois será mencionada por pesquisadores de vários países, se tornando uma referência. Outra importante tradução é a de Andrew George (1999), que permite um acesso controlado a cada verso da obra. Sabe-se que a primeira tentativa de tradução da Epopéia de Gilgamesh para o português brasileiro foi feita por Emanuel Bouzon. Nos últimos anos de sua vida, o pesquisador estava elaborando sua proposta de tradução a partir do texto acádico, tendo avançado até o décimo segundo tablet da obra. Todavia, infelizmente, ele faleceu antes de concluir seu trabalho. A Epopéia de Gilgamesh em Português brasileiro que possuímos é a versão que Carlos Daudt de Oliveira apresentou a partir da tradução inglesa de N.K. Sandars (1960, 1969, 1972). Oliveira elaborou sua versão pela primeira vez em 1992, obra que ganhou uma nova edição em 2011. Trata-se de uma versão da Epopéia em prosa e não em verso, o que, segundo Sandars e Oliveira, facilitam a compreensão da obra (Oliveira, 2011: p. 75-76 ). Não é nosso objetivo uma análise dos manuscritos, edições críticas, revisões e toda a problemática que envolve o processo de tradução ou versão da obra para o português. No entanto, um empreendimento desta natureza em muito colaboraria para a historiografia brasileira sobre Mesopotâmia. Por questões de delimitação, nos restringimos a indicar ao leitor que, para as finalidades deste artigo, fazemos uso desta versão apresentada por Oliveira (1992; 2011). Uma vez tendo feito estes esclarecimentos, passamos à análise das representações do espaço da cidade no documento.

### **Análise documental: representações de Uruk na Epopéia**

É preciso dizer algo sobre o “espaço da cidade” tal qual entendemos neste artigo, o que também requer uma menção ao conceito de representação. Apesar da popularização do conceito de “cidade-estado” entre os historiadores, principalmente aqueles que não são

especialistas em estudos clássicos, a questão da cidade antiga é bastante complexa e tem gerado amplo debate, ultrapassando e muito esta noção. A problemática também não pode ser reduzida a termos como “cidade” e “polis”, principalmente quando eles aparecem de forma isolada e não apresentam uma definição mais elaborada. A forma utilizada para tentar circunscrever as discussões em torno deste algo chamado “cidade” pode variar bastante de um autor para outro.

Para Karl Marx, por exemplo, a cidade antiga está inserida em uma sequência cronológica de acordo com a idéia de progresso, ela nada mais é do que uma forma antiga de aglomeração, de assentamento. Outro modelo disponível é o criado a partir do hoje clássico *La cité antique*, de Fustel de Coulanges, 1864. Uma das principais diferenças que este modelo apresenta é o rompimento com a dicotomia Grécia e Roma. Buckhardr, por sua vez, respondendo a Herder sobre como o Estado era concebido e imaginado pelos gregos, apresentou o conceito de Polis como alternativa. Apenas a menção a estes três é suficiente para mostrar que seria preciso analisar cada autor em particular se quiséssemos nos ater à polissemia que gira em torno do conceito de cidade, o que nos afastaria dos objetivos propostos. Ao invés disso, preferimos explicitar o que compreendemos por cidade, avançando para o trabalho com o documento, ainda que esta linha de raciocínio seja apenas uma entre as possíveis. O leitor interessado neste debate historiográfico sobre a cidade antiga, pode encontrar uma boa sistematização a partir da obra de Morgans Hansen (2006), que mantém um centro de estudos sobre esta problemática em Copenhagem, na Dinamarca. Outras discussões que podem interessar são aquelas que giram em torno das obras de Kostas Vlassopoulos (2007) e Normam Yoffee (2009). No Brasil, alguns estudos esclarecedores sobre o tema foram realizados por Norberto L. Guarinello (2003; 2005; 2006) e Maria Beatriz Borba Florenzano (2009), que coordena o Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga, sediado no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Quando falamos de cidade e relacionamos isso com a Uruk da Epopéia de Gilgamesh, estamos pensando em um “espaço da cidade”, algo mais ou menos determinado, porém em constante construção e resignificação. Assim, esta noção de espaço da cidade, confunde-se, de forma proposital, com a de território. Não nos interessa aqui apenas a cidade, situada no interior da muralha, mas o espaço da cidade que vemos aparecer no documento, construído, pensado, representado, para muito além deste lugar interno, cercado por muro. Trata-se de uma conexão entre espaço urbano e espaço rural, considerando também floresta e montanha e incluindo sujeitos e culturas que, no documento, estão em permanente contato e

circulação por Uruk. Fica claro que não é nossa intenção falar de um espaço físico, geográfico, empírico, e muito menos comparar a Uruk da Epopéia com o que a arqueologia encontrou sobre a mesma. O que nos interessa são as representações presentes no texto.

Assim, quando mencionamos a cidade de Uruk, nos concentramos sobre este espaço vivido e imaginado na Epopéia de Gilgamesh. Uma definição que pode nos auxiliar é aquela apresentada por Vitor Oliveira Jorge, quando conjuga em uma única relação uma “arqueologia dos monumentos”, uma “arqueologia da paisagem” e uma “arqueologia espacial” e caracteriza este sistema como um conjunto de valores que constituem “uma paisagem, teia de sentidos, ancorada topograficamente”. Trata-se de um “espaço com densidade de vivência antropológico-histórica povoado por um conjunto de significações, narrativas, apropriações, disputas e conflitos” (Jorge, 2002). Todavia, diferente do autor, como já ressaltamos no parágrafo anterior, nosso espaço não tem nada de arqueológico, trata-se de um espaço mental. Como é caracterizado este “espaço da cidade” de Uruk na Epopéia de Gilgamesh? Esta é a questão que nos inquieta.

É importante mencionar ainda o problema da representação. Devemos compreendê-la como uma noção que envolve poder e linguagem, pensada em paralelo com as práticas sociais. Segundo Henri Lefebvre, a representação ocupa o intervalo entre a presença e a ausência. Por isso, uma representação não pode simplesmente ser pensada como algo falso ou verdadeiro, como “fiel” ou “mera ficção”. Não é possível transcender a representação e encontrar um significado “puro” no passado. Por outro lado, para que a representação tenha sentido para aqueles aos quais ela representa algo, ela precisa estabelecer um vínculo de comunicação, ou seja, deve haver um elemento na representação que crie um sentido com seus ouvintes e/ou leitores e lhes indique algo para além da mesma. A ambiguidade é inerente ao termo, o jogo duplo entre presença e ausência acompanha o conceito (Lefebvre, 2006; Santos, 2011). Assim, a Uruk representada não precisa ser confrontada com os achados arqueológicos para que tenha sua existência “real”. Real e representação são interdependentes, isto significa duas coisas: 1) existe realidade para além da representação; 2) existe realidade também na representação. Portanto, diferente do que alguns costumam sugerir, a representação não é “apenas um pensamento” desvinculado da realidade. Não é possível falar em “meras representações” (White, 2001; Sproviero, 1997, Lima, 2006, Falcon, 2009; Santos, 2011).

Uruk aparece na Epopéia de Gilgamesh mais de 60 vezes. Na maior parte delas, é representada como grandiosa e acompanhada de coisas qualificadas por inúmeros adjetivos e

quase sempre no plural. É a cidade das grandes muralhas (Prólogo, p. 95-96; A chegada de Enkidu, p. 101;103;105), com seus templos, dedicados aos vários deuses do lugar. No documento aparecem Anu, deus do firmamento; Ishtar, deusa do amor; Shamash, deus do sol; Adad, rei da tempestade; Aruru, deus da criação; Ninurta, deus da guerra; Nisaba, deusa dos grãos; Samuqan, deus do gado; Enlil, deus da montanha, pai dos deuses e o mais sábio dentre eles; Aya, a aurora; Lugulbanda, o deus protetor; Namtar, o fado maligno; Shulpae, deus dos festejos; e vários outros mais. Todas estas divindades, ou estão inseridos na própria cidade de Uruk, tendo lá sua morada, nos templos, ou estabelecem algum tipo de relação com o espaço da cidade, abençoando-a, ameaçando-a etc.

As muralhas de Uruk teriam sido construídas pelo próprio Gilgamesh. Na epopéia, em diversos momentos este fato é remarcado e lembrado como um dos feitos grandiosos do herói e enorme importância é atribuída a esta construção. A Uruk do documento é, sem dúvida, a “Uruk das grandes muralhas”. De igual modo, nada pode se comparar aos templos da cidade. Vamos ver um destes momentos em que as construções de Uruk são representadas:

“Em Uruk ele construiu muralhas, grandes baluartes, e o abençoado templo de Eanna, consagrado a Anu, o deus do firmamento, e a Ishtar, a deusa do amor. Olhai-o ainda hoje: a parte exterior, por onde corre a cornija, tem o brilho do cobre; sua parte interior não conhece rival. Tocai a soleira, ela é antiga. Aproximai-vos de Eanna, a morada de Ishtar, nossa senhora do amor e da guerra: é inigualável, não há homem ou rei que possa construir algo que se equipare. Subi as muralhas de Uruk; digo, caminhei por cima delas; observai atentamente o terraço da fundação, examinai o trabalho de alvenaria: não é feito com tijolos cozidos, e bem feito?” (Epopéia de Gilgamesh, Prólogo, página 95-96).

Arqueólogos e historiadores discutem, por exemplo, se é possível que já no período em que estas histórias circulavam de forma oral, alguma construção pudesse ser feita de “tijolos cozidos”, o próprio tradutor da versão do documento que utilizamos menciona esta questão. Todavia, como dissemos, não é este o nosso interesse. Importa o fato de que dizer que a muralha foi feita de “tijolos cozidos” significa ressaltar a sua grandeza e importância. A narrativa pretende enfatizar as qualidades de Uruk, que estão diretamente associadas ao responsável por sua construção, o próprio Gilgamesh. Por este motivo, não só a muralha, mas também o templo aparece sempre como obras feitas dos melhores materiais. São sempre inigualáveis, tem o brilho do cobre e sua parte interior não conhece rival.

O espaço da cidade de Uruk é construído a partir de uma relação entre duas partes, a interior e a exterior. Na primeira, estão localizadas as muralhas, mencionadas no fragmento acima, nelas fica o terraço da fundação. Há também grandes ruas, as tendas dos pastores



(aprisco), o cais de Uruk, vários mercados, uma praça, uma torre e Egalmah, o grande palácio. O portão da muralha era feito de madeira e, segundo a Epopéia, tinha 7 ferrolhos (p. 111). Na segunda, a parte exterior, havia colinas, poços d'água, pastos, campos, a “Terra dos Vivos”, a floresta de Humbaba, mencionada em boa parte da Epopéia, e o “querido” Eufrates (p. 139), que cercava a cidade; cavernas, nas montanhas, o arvoredo, que ficava na campina, desfiladeiros, trilhas, a montanha verde, pântanos, planícies e o bosque das tamareiras. Aos poucos, uma imagem de Uruk vai sendo construída.

Um dos trechos que mais chamam a atenção do leitor da Epopéia é o que caracteriza o espaço da cidade de Uruk em oposição à floresta, lugar selvagem, de feras. Segue assim o trecho:

“ Por que queres ficar correndo à solta nas colinas com as feras do mato? Vem comigo. Vem e te levarei à Uruk das poderosas muralhas, ao abençoado templo de Ishtar e Anu, do amor e do céu; lá vive Gilgamesh, que é forte, e como um touro selvagem domina e governa os homens.” e “...lá todos se vestem magnificamente, todos os dias são de festa, e que maravilhosa visão fornecem os rapazes e as jovens. Como é suave e doce seu cheiro! Todos os poderosos estão despertos pela cidade”. (Epopéia de Gilgamesh, Prólogo, página 101-102)

Ou seja, é bom viver em Uruk. É lá que se encontra a proteção. A função deste trecho é mostrar que a vida na cidade é diferenciada, melhor. Já no espaço fora de Uruk, o que temos é a dificuldade, o modo de viver que não se adequa às grandes realizações que acontecem no interior da cidade. Trata-se de um elemento definidor da civilização, em oposição à barbárie. Apesar disso, para a forma de análise que pretendemos, importa pensar estes dois espaços como entrelaçados, integrados, um não existe sem o outro, é uma construção de caráter identitário. Quando lemos no documento “te levarei à Uruk”, temos uma imagem da perfeição, do ideal a ser seguido. É em Uruk que o homem se torna um ser dotado de cultura, é para lá que todos devem se digirir para gozar dos benefícios de se viver em cidade.

No entanto, a Epopéia relata também a jornada de Gilgamesh por estes espaços não civilizados, o da floresta, das feras do mato. Quando ele adentra tais lugares, é ele que precisa de um guia, de instruções, pois estaria perdido lá, não sabe como viver neste espaço não domesticado. É difícil e perigoso, em alguns trechos quase impossível, adentrar a floresta (por exemplo: p. 112). Porém, as experiências de Gilgamesh quando neste tipo de ambiente é que vão fornecer a ele o conhecimento necessário para se tornar um melhor rei para o povo de Uruk. Assim, não seria possível a construção da identidade de Gilgamesh, muito menos da

cidade de Uruk sem levar em conta estes outros espaços relacionáveis. A partir desta comparação, o autor do documento passa a descrever em detalhes as coisas que interessam à Uruk.

Todas as pessoas de Uruk se vestem de forma magnífica, as jóias, bem como o uso de vestidos compridos e perfumes de unguento eram características essenciais dos padrões de beleza daquela sociedade, pelo menos o autor do documento tinha como objetivo assim representar estas questões. Estes artefatos garantiam e demonstravam a peculiaridade de Uruk, dava exemplos de como era a vida na cidade e nos espaços que interagem com a mesma. É possível encontrar várias referências neste sentido distribuídas ao longo do documento. Lemos que Ninsun, por exemplo, enfeitou-se com jóias, que colocou uma tiara na cabeça e sua saia varria o chão, colocou em torno de seu pescoço o amuleto/símbolo (113-114). Sabemos que neste espaço vivido/conhecido, que de alguma maneira tinha relação com Uruk, pelo menos assim o documento nos faz pensar, vários tipos de metais e minérios eram conhecidos e utilizados para estas artes de joalheria, fabricação de enfeites e adornos. Ouro e Lápiz-lazúli, pedras raras, ágata e pérolas do mar, por exemplo, eram usados na fabricação de coroas, cetros, espadas etc. Usavam sandálias, traje de pele, anéis e cinturão. A partir de uma leitura atenta e sistemática da epopéia podemos conhecer vários materiais, objetos e artefatos que habitavam a imaginação daquelas pessoas. Uma infinidade deles são mencionados: correias, machados, cálices, tambores, cedros, incenso, aljava, odre, braseiro, jarra, cestas, cabresto, camas, mesas de madeira, tigelas, tonéis, facas, tochas, escova, batentes da porta, arco e flecha, escudo, punhal, dardo etc.

É possível também perceber uma diversidade de animais descritos na Epopéia de Gilgamesh, que também integram este espaço de Uruk: gazelas, animais da floresta, rebanhos, animais de caça; leão, lobos, touros; novilho, cordeiro branco e castanho; pássaro; ovelhas, cabras, burros, mulas, gado, cavalo; cães de caça; urso, pantera, viado, cabrito montês, tigre; pomba, corvo; serpente, peixe, além de criaturas lendárias como os “metade homem e metade dragão”. Vários alimentos que faziam parte da dieta das pessoas descritas no documento, eram fornecidos por estes animais: leite, carne, mel (o que nos permite saber que também havia abelhas), manteiga etc. Além das comidas oriundas dos animais, eles também cultivavam e domesticavam as plantas, desenvolveram uma agricultura sistemática, pois lemos que também se alimentavam de: grãos, água do rio, vinho (verde, tinto e branco), óleo, farinha fina, bolo de aveia, tâmaras, trigo, cereais e cerveja. Ou seja, pouco a pouco, podemos compreender como aquelas pessoas viviam, o que comiam, como se locomoviam, como vestiam, e, assim, seguir a imaginação representada no documento para conhecer melhor como a vida era pensada neste espaço da cidade de Uruk.

Também podemos saber qual era o nível de especialização das profissões as quais as pessoas que viviam neste espaço da cidade de Uruk se dedicavam, pois elas também são sistematizadas e apresentadas de forma espalhada pelo documento. Havia caçadores; pastores, guardas; servos do palácio; os que utilizavam os aríetes; armeiros, artífices; conselheiros e mercadores; sacerdotizas e hierofantes (sacerdotes da alta hierarquia, ou seja: é possível perceber até especializações dentro de uma profissão), prostitutas do templo (provavelmente adoradoras de Ishtar), as jovens que cantavam e dançavam, as cortesãs, os ferreiros, os guerreiros; caldeireiros, ourives e pedreiros e jardineiros. Além destas especificações, sabemos que havia divisões entre os homens, trabalhadores comuns, e os nobres, os reis, que havia mercenários, criminosos e ladrões etc.

Em alguns momentos na Epopéia, acontecem celebrações para comemorar algum triunfo ou para chorar e lamentar a morte de alguém. Assim, também podemos saber sobre as festividades que integravam este espaço. Nos fragmentos a seguir, é possível ter uma idéia de como eram estes festejos:

“Atravessaram as ruas de Uruk, onde os heróis haviam se reunido para vê-los, e Gilgamesh virou-se para as jovens que cantavam e gritou: "Quem é o mais glorioso dos heróis, quem é o mais eminente entre os homens?" "Gilgamesh é o mais glorioso dos heróis, Gilgamesh é o mais eminente entre os homens." Houve então um banquete, e festejos, e o palácio encheu-se de alegria, até os heróis se deitarem, dizendo: "Descansaremos agora até o amanhecer" (Epopéia de Gilgamesh, Ishtar e Gilgamesh, e a morte de Enkidu, página: 132).

Ou seja, as festividades eram tão grandes quanto a cidade, dignificando-a. Nestes trechos, podemos ver que havia banquetes, oferecidos no palácio, sem dúvida, para mostrar que o rei Gilgamesh estava integrado aos habitantes de Uruk e aos convidados que recebiam autorização para adentrar este tipo de recinto, no qual havia alegria, cânticos e celebrações. Festejos que duravam até todos se deitarem, exaustos, cansados, precisando de um descanso. A idéia é mostrar a durabilidade destas festas. A intenção é representá-las como tão grandiosas, relacionando-as a Uruk, que elas só terminavam não porque faltava comida, porque não havia mais canções, porque o banquete estava encerrado ou faltava alegria no palácio, mas, ao contrário, isto ocorria somente porque eram as pessoas, até mesmo os heróis, que se cansavam, esgotavam suas forças de tanto festejar. E assim é Uruk, nos dias de festa, comemora-se dia e noite, e a população de Uruk é unida em torno destas celebrações.

Até mesmo quando morre alguém, a ritualização tem seu lugar e este princípio identitário de união das pessoas em torno de uma celebração pública continua a ser representado pelo autor do documento, apenas sob signo contrário. Ao invés das pessoas serem alegres, dançarem e cantarem canções de júbilo, elas cantam hinos fúnebres e se

curvam de dor. Até mesmo Gilgamesh se abate de tristeza pela morte de seu amigo Enkidu, deixa seu cabelo crescer como sinal de luto e tristeza e manda construir uma estátua em homenagem a seu amigo para que se lembrem dele. Na história da Epopéia, este fato marca tanto Gilgamesh que, a partir daí, ele começa sua jornada buscando a imortalidade. Nos importa, todavia, não esta busca pela imortalidade ou outras narrativas que intrigam tanto arqueólogos quanto historiadores desde o descobrimento da Epopéia, como, por exemplo, os relatos acerca do dilúvio, mas como as pessoas de Uruk são unidas em torno desta noção de festividade ou o ato de chorar a morte de alguém. A narrativa do documento segue dizendo que “O povo de uruk” choraria por Enkidu (p. 138). Quando Gilgamesh faleceu, o mesmo aconteceu. O povo e os serviçais e todos aqueles que viviam no palácio fizeram inúmeras oferendas a ele e aos deuses. Lemos no documento que não somente as pessoas de Uruk, mas até mesmo o Eufrates lamenta Enkidu (p. 139) e que um banquete foi oferecido para Shulpae, o deus dos festejos. Assim, podemos ver que esta noção de integração por meio de uma festividade, comemoração de triunfo, banquetes ou mesmo os rituais fúnebres tinha a função de unir as pessoas em torno de um elemento comum.

Gilgamesh é apresentado na Epopéia como importante não somente em Uruk, o que mostra claramente a idéia do autor da narrativa do documento de relacionar Uruk não somente com o espaço interno da cidade, protegido por sua muralha. Tudo sobre Uruk é aumentativo e plural. Sua muralha é a melhor, a maior em extensão, construída com os melhores materiais, pelo próprio rei e herói Gilgamesh, suas pedras e enfeites são preciosas, as madeiras e materiais utilizados em Uruk, mesmo que venham de outras regiões (não havia cedro tão bom quanto o das montanhas), estão à serviço da cidade de Gilgamesh, possivelmente indicativo de que outros povos pagavam tributos à Uruk. Temos uma indicação destas intenções a partir da frase mencionada acima, que comenta sobre a morte de Enkidu. Toda a humanidade, não somente Uruk, lamentou a morte do amigo de Gilgamesh. Esta frase, se lida sozinha, pode ser interpretada apenas como uma hipérbole. Sendo assim, que o autor pretende, na verdade, é mostrar o quanto Enkidu era importante, dizer que um grande número de pessoas lamentou sua morte. No entanto, há alguns momentos na Epopéia nos quais Uruk é mencionada como um “país”. Lendo estes trechos de maneira interligada, e levando em consideração tudo que apresentamos até aqui, também é possível interpretar que para os habitantes de Uruk, o espaço da cidade se estendia para muito além das muralhas que cercavam e protegiam a mesma. A relação de construção identitária e representação deste espaço englobava também as relações culturais e econômicas com sociedades de toda a Mesopotâmia e não pode ser compreendida

de forma isolada. Parece que até mesmo entre as pessoas representadas no documento e para o autor do mesmo, este espaço da cidade não se restringia à Uruk das grandes muralhas.

### **Considerações finais**

Se por um lado, a Uruk das grandes muralhas é dividida entre parte interna e externa, que é formada por jardins e pelo campo, que possui templos, palácio e diversas construções; por outro, sabemos que o espaço da cidade de Uruk, tal como imaginado na Epopéia ia muito além destas circunscrições. Para compreendê-lo, é preciso considerar toda a gama destas interações que mapeamos a partir de uma leitura sistemática do documento. A Epopéia de Gilgamesh não é apenas um relato sobre o dilúvio, ela também não deve ser explorada somente em seu contexto mitológico, tentando perceber como Gilgamesh aparece e alguns temas desta natureza são mencionados, como, por exemplo, a busca pela vida eterna e uma explicação cosmológica da origem das coisas e do mundo, o que envolve todo o arsenal de divindades citados na Epopéia. O documento também é útil para nos mostrar como estas sociedades viviam, o que pensavam, como trabalhavam, os alimentos que ingeriam, como fabricavam suas armas, como organizavam a divisão do trabalho, o grau de especialização que havia em suas profissões, os ornamentos que utilizavam para se enfeitar, o conceito de beleza que tinham, que elementos e atributos eram valorizados e, por consequência, quais eram desprezados etc. Todos estes fatores são reunidos para explicar como funcionava a vida e a sociedade em um determinado espaço da cidade de Uruk, no sul da Mesopotâmia. Eles são constituintes da vida em cidade. São estes elementos que definem a cidade de Uruk e sua grandeza, em oposição a outros lugares.

Sem dúvida, a Epopéia de Gilgamesh merece mais atenção, seus detalhes internos precisam ser analisados, bem como aquela problemática que diz respeito aos problemas de tradução, que mencionamos. Todavia, esperamos ter conseguido demonstrar que a forma como Uruk aparece representada no documento engloba uma série de fatores que nos obriga a ampliar a noção de cidade, para um território muito maior, que chamamos de espaço da cidade. Afinal, é neste vasto complexo que a vida em Uruk é imaginada, representada.

### **Bibliografia**

#### **Documentação:**

ANÔNIMO. **A Epopéia de Gilgamesh**. Trad. Carlos Daudt de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ANÔNIMO. **A Epopéia de Gilgamesh**. Trad. Carlos Daudt de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GEORGE, ANDREW. **The Epic of Gilgamesh- A new translation**. England: Penguin, 1999.

GEORGE, A. R. **The Babilonian Gilgamesh Epic: Critical Edition and Cuneiform Texts**. Oxford University Press, 2003.

#### **Obras Gerais:**

ALGAZE, Guillermo. **The Uruk World System**. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

BOUZON, E. **A epopeia de Gilgamesh e suas fontes**. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio babilônicos. Sociedade, economia e cultura na Babilônia pré-cristã**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.125-156.

COLLINS, P. **The Uruk Phenomenon: The role of Social Ideology in the Expansion of the Uruk Culture During the Fourth Millenium BC**. Oxford: Archeopress, 2000.

FALCON, Francisco J. Calazans. **História e Representação**. In: **Representações - Contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000, p 41-63.

GUARINELLO, N. L.. **A Cidade na Antiguidade Clássica**. 1. ed. São Paulo: Saraiva/Atual, 2006. v. 1. 48 p.

GUARINELLO, N. L.. **A escravidão e a cidade-estado-antiga**. In: Ruy de Oliveira Andrade Silva. (Org.). **Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média**. 1 ed. Sanatna de Parnaíba: Solis, 2005, v. 1, p. 141-146.

GUARINELLO, N. L.. **Cidades-estado na Antiguidade Clássica**. In: Pinsky, Jaime. (Org.). **História da Cidadania**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2003, v. , p. 29-47.

GUARINELLO, N. L.. **Comentário sobre A Cidade Antiga**. In: Margarida Maria de Carvalho; Maria Aparecida Lopes; Susani Silveira França. (Org.). **As Cidades no Tempo**. 1 ed. São Paulo/Franca: UNESP/Olho d'Água, 2005, v. 1, p. 125-128.

HANSEN, Morgens Herman. **Polis- An introduction to the Ancient Greek City-State**. Oxford, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones.** (Trad. Espanhola de óscar Barahona e Uxoá Doyhamboure). México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

LIMA, Luiz Costa. **História. Literatura. Ficção.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Maria Beatriz Borba Florenzano; Elaine Veloso Hirata. (Org.). **Estudos Sobre a Cidade Antiga.** 1 ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SERRA, O. **A mais antiga epopéia do mundo: A gesta de Gilgamesh.** Salvador: Fundação Cultural, 1985.

SANTOS, Dominique. V.C. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, ano 3, número 6, dez. P. 27-53, 2011.

SPROVIERO, M. B. Língua e Consciência: a Voz Média. **Mirandum**, Pamplona, v. 3, p. 9-24, 1997.

VLASSOPOULOS, Kostas. **Unthinking the Greek Polis- Ancient Greek History beyond Eurocentrism.** Cambridge, 2007.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura.** São Paulo: Edusp, 2001.

YOFFE, Norman. **Making Ancient Cities Plausible. Reviews in Anthropology**, 38: p. 264-289, 2009.

ZAINAB BAHRANI. **Rituals of War- The Body and Violence in Mesopotamia.** New York: Zone Books, 2008.

---

*Trabalho enviado em junho de 2012, trabalho aceito em setembro de 2012.*